

## OS SETE DISCURSOS CAPITAIS

Oscar Cesarotto

Como aqueles que interrogam são os que souberam ler, mais de uma vez fui inquirido a partir de uma colocação do livro *Sedições*, de 2008. No capítulo *Ostras da sabedoria*, na página 193, é afirmado, a partir de Lacan, que os discursos poderiam ser... *sete! Too much!* Todavia, nenhum misticismo nesta contabilidade que, por aunar quantidade & qualidade, talvez confunda, exigindo esclarecimentos.

Organizados em função da álgebra lacaniana & sua lógica, os “quatro discursos”, apareceram na década de 1970 como uma novidade dupla: em primeiro lugar, Lacan, assim como outros mestres pensadores (Foucault, Greimas, Pécheux & alia), sincronicamente, também aludia à categoria de “discurso”, porém, sem coincidir com os demais usuários contumazes. O termo já figurava nos seus escritos desde a época em que incorporara algumas ideias de Heidegger; neste caso, a noção de **Rede**, a ser traduzida como *rede*, palavra imprescindível nos dias de hoje, mais do que ontem. Em segundo, eles foram apresentados, com certo suspense tipo **working progress**, ao longo do seminário XVII, *O avesso da psicanálise*, no número de quatro, assim nomeados: do Mestre; da Histeria; da Universidade; do Analista; este último, topológica & ideologicamente o anverso do inicial.

Os *matemas* são suas peças doutrinárias: **S1**, o significante-mestre; **S2**, o saber; **a**, o mais-gozar; mais o Sujeito barrado. Os lugares a serem ocupados: agente, outro, verdade, produção. A razão dos deslocamentos: os elementos rotam no sentido horário, enquanto os discursos o fazem no sentido contrário. Ainda, flechas & setas opostas apontam impotências & impossibilidades na simetria de um quadrado semiótico, com propriedades & funções exclusivas, solidárias & conflitantes. 4x4: tal para qual, ordem & progresso. Tamanha aparelhagem conceitual tem consistência & consequência, permitindo que a metapsicologia não ficasse apenas restrita às paredes dos consultórios; agora, a ser considerada alhures, no espaço social. Ao mesmo tempo, como esforço de formalização, a serviço de

balizar os avanços o sistema de pensamento de Lacan naquela altura do campeonato, tanto do seu ensino, quanto do século XX.

Com efeito, dado que os ventos da História não poupam ninguém, os eventos de *maio de 68* interpelaram Lacan, questionado & respondendo à altura; rigoroso, mas sem perder a ternura nem o prumo. Poucos anos depois, em 1972, visitou a Itália, para entrar em contato com os lacanianos locais, dispostos a fundar, na península, uma Escola Freudiana. Entretanto, eram tempos de **Brigade Rosse**, guerrilha urbana & contestação. Na ocasião, enfrentando as circunstâncias & sintonizando com o ponto de vista da esquerda, pela primeira & quase única vez, destacou o *discurso capitalista*, jogando para a plateia. **Marx Lust!** De volta em casa, retomou os “*quadripodes*”, sem incluir o quinto. Um dos motivos para isto: O capitalismo, para além de modo de produção, é a forma de vida mediada pelo dinheiro como condição do mundo interligado num liame obrigatório que não tem contrapartida, com a capacidade de englobar todos os destinos humanos. Esta é a distinção qualitativa que o coloca fora da série dos outros quatro, numa hierarquia *extima*, por ser uma montagem em curto-circuito. **Last but not least**, a velha piada do tijolo de cinco lados, que não cabe em nenhum costado...

O cânone formal da “teoria dos discursos” compreende os quatro iniciais, ainda que, historicamente, seja necessário desdobrar a alçada do poder, atualizada pelo capital, seu lastro real. Seriam, assim, “quatro mais um”, circulando numa subordinação constitutiva. O “quarto de volta” do rodízio de posições deriva de uma prática tradicional: diariamente, nas adegas, as garrafas de **champagne** são giradas 90\*, para fermentar evitando a sedimentação. Em outras palavras, por ser o movimento inevitável, a dinâmica leva à dialética: mesmo que quatro variem, há Um que é constante.

Nas articulações estruturais que confirmam a vinculação entre os seres falantes, cada discurso determina um laço social específico, cujo fim último, no caso do Mestre, Amo & Senhor, é sempre a imposição. Para a histeria, a insatisfação. Na universidade, a explicação. Na psicanálise, a interpretação. Até aqui, a vulgata lacaniana. Acrescentemos mais um par, pela intervenção, individual & coletiva, de um dos parâmetros fundamentais da contemporaneidade: a onipresença das mídias, nas funções de formatação da realidade consensual. Então, quando a ideologia

dominante se locupleta com o saber exposto, o resultado é o *discurso competente*, cujo semblante costuma cristalizar na figura dos especialistas, autorizados & reconhecidos como aqueles que entendem do que estão falando. Tais “sujeitos que supostamente sabem” são os que, dando sentido & verossimilhança aos fatos, configuram & legitimam as versões oficiais, com o objetivo explícito de persuadir & padronizar as opiniões.

A voz do Estado se materializa na *propaganda*, a injunção de informações & exortações racionais que têm como objetivo a convicção & a obediência. Na iniciativa privada, a *publicidade*, por sua vez, mostra a cópula entre o imperativo de gozo & a histeria, oferecendo projeções & identificações desiderativas, no convite ao consumo mimético. Embora nem sempre os produtos cumpram com os ideais, todo tipo de truques & enfeites são utilizados para dourar as pílulas da felicidade prometida. Destarte, a sedução, como alma do negócio, não para nunca: modas & obsolescências criam vontades infinitas, mais do que necessidades imprescindíveis. Desde sempre, o desejo do Outro faz salivar...

O interesse em expandir a teoria lacaniana dos discursos convida para continuar pensando os inicialmente propostos, mas também, suas hibridações & oportunismos, além da inclusão das contribuições de outros autores, nem todos analistas. Não por acaso, filósofos, sociólogos, políticos & até o Papa são coincidentes nas críticas à alienação, considerada como a forma superior da dominação social. Cada vez mais, a lógica cultural do capitalismo tardio se vale de imagens & consignas, miragens & palavras de ordem, para tratar os sujeitos não como cidadãos senão como coisas.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ALEMÁN, Jorge – *Para una izquierda lacaniana* – GRAMA - Buenos Aires; 2010.
- BARNAYS, Edouard – *Propaganda* – Thames & Hudson - New York; 1928.
- CESAROTTO, Oscar – *Sedições* – Iluminuras - São Paulo; 2008.
- CHAUÍ, Marilena – *O discurso competente in Cultura & democracia* – Brasiliense - São Paulo; 1980.

- CHEMAMA, Roland – *Quelques réflexions sur la neurose obsessionnelle à partir des “ quatre discours ”* – ORNICAR? N\*3 - Paris; 1975.
- CLAVREUL, Jean – *A ordem médica* – Editora Brasiliense - São Paulo; 1983.
- DIAS MOREIRA PENNA, Lícia Mara – *Psicanálise & universidade – Há transmissão sem clínica?* – Autêntica - Belo Horizonte; 2003.
- KEHL, Maria Rita – *A publicidade & o mestre do gozo* – in Comunicação, Mídia & Consumo v.1 – n\*2 – ESPM - São Paulo; 2004.
- LACAN, Jacques – *Seminário XVII: O avesso da psicanálise* – Jorge Zahar Editor - Rio de Janeiro; 1992.
- PINHEIRO GONÇALVES, Luiza Helena – *O discurso do capitalista – Uma montagem em curto-circuito* – Via Lettera - São Paulo; 2000.
- RODRIGUEZ, Sergio – *El discurso capitalista* – Revista Psyche n\*22 - Buenos Aires; 1988.
- SILVEIRA, Paulo & DORAY, Bernardo – *Elementos para uma teoria marxista da subjetividade* – Editora Vértice - São Paulo; 1989.